

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O CONHECIMENTO NO PERÍODO CLÁSSICO

Rodolfo Denk Neto

Objetivos

A proposta deste texto é ajudar você a:

- discutir a natureza filosófica do que seja o conhecimento;
- analisar as duas principais correntes epistemológicas: o racionalismo e o empirismo.

Iniciando o estudo

A história do pensamento filosófico na Grécia Antiga é marcada por uma diversidade de abordagens sobre o conhecimento e sua aquisição. Desde os pré-socráticos, passando pelos sofistas, até os filósofos clássicos como Platão e Aristóteles, diferentes concepções foram elaboradas, refletindo os debates sobre o papel da razão, da experiência sensorial e da reflexão na busca pela verdade e compreensão da realidade. Neste material, será oferecida uma análise das perspectivas epistemológicas mais influentes, apresentadas por Platão e Aristóteles, explorando suas visões sobre o que seja o conhecimento, racionalismo, empirismo e o papel da educação na formação de cidadãos justos e na construção de uma sociedade virtuosa.

1 O que é conhecimento? O período clássico grego.

Na filosofia grega clássica, a concepção predominante de conhecimento estava intimamente ligada à ideia de *ἐπιστήμη* (*episteme*), ou conhecimento verdadeiro e justificado. Para os filósofos gregos clássicos, especialmente os seguidores de Sócrates e Platão, o conhecimento verdadeiro era considerado como aquele que possuía fundamentos sólidos e era alcançado através da razão e da reflexão.

Platão, em particular, desenvolveu uma teoria robusta do conhecimento em suas obras. Ele argumentava que o conhecimento verdadeiro só poderia ser conquistado por meio da contemplação das Formas ou Ideias, realidades eternas e imutáveis que estão além do mundo sensível. Platão defendia que a razão, através do diálogo filosófico e do pensamento crítico, era o meio principal para atingir esse conhecimento das Formas.

Essa concepção de conhecimento como *episteme*, baseada na razão e na contemplação das Formas, era compartilhada por muitos filósofos gregos clássicos, embora houvesse variações em suas abordagens específicas. Por exemplo, Aristóteles, discípulo de Platão, também enfatizava a importância da razão na busca pelo conhecimento, mas sua abordagem era mais empirista, reconhecendo a importância da experiência sensorial e da observação empírica.

Em resumo, a concepção de conhecimento mais aceita para os filósofos gregos clássicos era aquela que enfatizava a importância da razão e da reflexão como meios de conquistar um entendimento verdadeiro e justificado da realidade. Essa perspectiva estava alinhada com a ideia de *episteme*, ou conhecimento fundamentado, que era central na tradição filosófica da Grécia Antiga.

2 O racionalismo na filosofia grega clássica

Na filosofia grega clássica, o racionalismo é frequentemente associado à ênfase no papel da razão na busca pelo conhecimento e na compreensão da realidade. No contexto da Grécia Antiga, filósofos como os pré-socráticos¹ e os

¹ Os Pré-Socráticos, como se percebe no próprio nome desse período histórico (antes de Sócrates), floresceu nos séculos VI e V a.C., e representa um marco fundamental na história da filosofia ocidental. Distanciando-se das narrativas míticas, os filósofos pré-socráticos empreenderam uma abordagem racional e sistemática para compreender a natureza do universo. Suas investigações abordaram uma ampla gama de questões filosóficas, incluindo a origem do cosmos, a natureza da realidade e a ética, enquanto desenvolviam métodos de argumentação e investigação que moldariam a filosofia vindoura. Esse período testemunhou uma transição do pensamento mítico para o pensamento racional, com escolas como a Jônica, Pitagórica e Eleática, cada uma contribuindo com perspectivas distintas sobre a natureza fundamental da realidade. Em suma, o período Pré-Socrático representa um momento de transição e inovação na história do pensamento humano, com o questionamento racional e a busca por explicações naturais que deram origem à filosofia como a conhecemos hoje. As contribuições dos pré-socráticos e suas diferentes escolas de pensamento estabeleceram as bases para o desenvolvimento subsequente da filosofia ocidental, influenciando profundamente não apenas as gerações posteriores de filósofos, mas também outras áreas do conhecimento humano.

sofistas² deram os primeiros passos na exploração da razão como uma ferramenta para entender o mundo.

Um dos precursores do racionalismo na Grécia Antiga foi Parmênides, que argumentava que o verdadeiro conhecimento só poderia ser obtido através da razão, e não dos sentidos. Ele afirmava que a realidade era imutável e se constituía como uma unidade, e que o mundo sensível era ilusório. Essa ênfase na razão como guia para o conhecimento reflete um aspecto do racionalismo grego clássico.

Outro filósofo importante é Sócrates, cujo método filosófico envolvia a busca pela verdade através do questionamento e do diálogo racional. Ele enfatizava a importância do pensamento crítico e da investigação racional na busca pela sabedoria.

No entanto, é importante notar que, na filosofia grega clássica, a razão não era o único meio de obter conhecimento. Os gregos também valorizavam a experiência sensorial e a observação empírica, e muitos filósofos reconheciam a importância de ambos os aspectos na busca pelo conhecimento.

Portanto, enquanto o racionalismo na filosofia grega clássica enfatizava o papel da razão na busca pela verdade e na compreensão do mundo, ele coexistia com outras abordagens epistemológicas e, portanto, não era a única perspectiva filosófica dominante da época.

Quadro 1: Pré-socráticos e Sofistas

Pré-socráticos:

Os pré-socráticos são os filósofos que viveram antes de Sócrates, na Grécia Antiga. Eles são conhecidos por suas contribuições pioneiras para a filosofia, especialmente no que diz respeito à cosmologia e à metafísica. Alguns dos pré-socráticos mais conhecidos são Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Parmênides, Empédocles e Demócrito.

Cada pré-socrático tinha sua própria teoria sobre a natureza do universo e a origem de todas as coisas. Por exemplo, Tales de Mileto propôs que a água era a substância primordial de todas as coisas, enquanto Anaximandro argumentava que havia uma substância indeterminada e infinita, chamada de "apeíron", que era a origem de todas as

² O movimento sofista, surgido na Grécia Antiga no século V a.C., foi caracterizado pela atuação de mestres itinerantes que ensinavam retórica e persuasão. Enquanto alguns estudiosos os retratam como charlatões motivados por interesses pessoais, outros reconhecem seu papel na disseminação do conhecimento e na promoção da participação democrática. Independentemente das interpretações, os sofistas desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da retórica, da educação e da política na Grécia Antiga, deixando um legado duradouro na história intelectual ocidental.

coisas. Heráclito, por sua vez, defendia que tudo estava em constante mudança e que o fogo era o elemento básico do universo.

Parmênides, por outro lado, argumentava que o ser é imutável e que a mudança é uma ilusão, enquanto Empédocles propunha que o universo era composto por quatro elementos fundamentais (terra, água, ar e fogo) que interagiam através de duas forças opostas, amor e ódio.

Demócrito, finalmente, propôs uma teoria atomista da realidade, argumentando que tudo no universo é composto por partículas indivisíveis chamadas átomos, que se movem no vazio infinito.

Sofistas:

Os sofistas eram um grupo de professores e pensadores itinerantes que surgiram na Grécia no século V a.C. Eles eram conhecidos por oferecerem ensinamentos sobre retórica, argumentação e persuasão, e muitas vezes eram contratados para ensinar habilidades de debate e oratória aos jovens da aristocracia.

Os sofistas foram frequentemente criticados por Sócrates e Platão por sua ênfase na persuasão em detrimento da busca pela verdade objetiva. Platão, em suas obras, retrata os sofistas como pessoas que usavam sua habilidade retórica para manipular argumentos em benefício próprio, sem se preocupar com a verdade ou a justiça.

Embora os sofistas fossem geralmente retratados de forma negativa por Platão e outros filósofos, é importante reconhecer que eles desempenharam um papel significativo na história da filosofia, especialmente no desenvolvimento da argumentação lógica e da retórica. Alguns dos sofistas mais famosos são Trasímaco, Protágoras, Górgias e Pródico.

Fonte: Reali; Antiseri (1990, p. 29)

3 O racionalismo em Platão

Platão (428/427 a.C. - 348/347 a.C.), o famoso filósofo grego do século IV a.C., não é geralmente considerado (e não é correto enquadrá-lo) como um racionalista no sentido estrito em que Descartes ou outros filósofos modernos são. No entanto, Platão enfatizou a importância da razão e do intelecto em sua filosofia, especialmente em sua Teoria das Formas e em sua concepção da alma.

Uma característica central da filosofia platônica é sua teoria das Formas ou Ideias. Platão acreditava que por trás das aparências sensíveis do mundo físico, há realidades eternas e imutáveis, chamadas de Formas ou Ideias. Essas Formas são acessadas pela razão e não pelos sentidos. Por exemplo, ele argumenta que podemos reconhecer a beleza em várias coisas diferentes porque temos uma ideia ou Forma de beleza em nossa mente, que é acessada através do intelecto.

Além disso, Platão também desenvolveu uma teoria da alma que destaca a importância da razão. Em sua obra "Fedro", ele descreve a alma humana como composta por três partes: o apetite, o espírito e a razão. A razão, localizada na parte

superior da alma, é responsável pelo pensamento racional e pela contemplação das Formas.

Portanto, enquanto Platão não é estritamente classificado como um racionalista, suas ideias sobre a importância da razão na busca pela verdade e na compreensão da realidade exerceram uma influência significativa na tradição filosófica subsequente, incluindo o desenvolvimento do racionalismo em filósofos posteriores.

3.1 A Educação em Platão

Platão tinha uma visão idealista e profundamente filosófica da educação, refletida em sua obra "A República". Para Platão, a educação não era apenas um processo de transmitir informações, mas sim um meio de cultivar virtudes, formar o caráter e alcançar a verdadeira sabedoria.

Para Platão, a educação deveria ser um processo cuidadosamente estruturado que começava desde a infância e continuava ao longo da vida adulta. Ele propôs um sistema educacional que consistia em cinco estágios, cada um correspondente a uma fase específica do desenvolvimento humano que, segundo Pombo (2024), pode ser assim esquematizado:

Quadro 2 - Estágios de Educação, segundo Platão

1º estágio - dos 3 aos 6 anos:

Prática do pentatlo (Nome coletivo de cinco exercícios que constituíam os jogos da Grécia, em que entravam os atletas: salto, carreira, luta, pugilato e disco. Dança e música para ambos os sexos).

2º estágio - dos 7 aos 13 anos:

Introdução paulatina da cultura intelectual e acentuação dos exercícios físicos. A partir dos 10 anos, aprendizagem da leitura e escrita e cálculo por processos práticos. Afasta-se assim dos costumes atenienses que começavam a educação intelectual antes dos 10 anos.

3º estágio - dos 13 aos 16 anos:

Período da educação musical. O programa é dividido em duas seções: uma literária, compreendendo gramática e aritmética; e outra musical, compreendendo poesia e música. Ensina-se a tocar a cítara (Lira) e prefere-se a música dórica, enérgica e viril.

4º estágio - dos 17 aos 20 anos:

Período da educação militar. Os jovens deverão adquirir resistência e uma saúde a toda a

prova. Era preciso harmonizar a música à ginástica, os homens faziam-se ferozes. Somente com a música, produzir-se-iam os afeminados.

5º estágio - dos 21 anos em diante:

Apenas os jovens mais capazes devem continuar a educação já com carácter superior e baseada nas Matemáticas e Filosofia. Entre eles, selecionam-se os futuros governantes, prosseguindo sua educação até os 50 anos.

Essa educação pode ser distribuída da seguinte forma:

- Dos 21 aos 30 anos: estuda-se com profundidade: aritmética, geometria e astronomia.
- Dos 31 aos 35 anos: predomínio da formação filosófica e dialética, sem prejuízo dos estudos matemáticos.
- Dos 35 aos 50 anos: O magistrado será incumbido de uma função pública e empregará os seus talentos para a prosperidade do Estado. Ninguém será admitido ao governo antes dos 50 anos de idade.

Fonte: Pombo (2024)

Para Platão, a verdadeira educação não era apenas sobre adquirir conhecimento, mas também sobre cultivar virtudes, temperar os desejos e paixões e buscar a verdadeira sabedoria. Ele acreditava que uma sociedade justa e harmoniosa só poderia ser alcançada por meio da educação adequada que formasse indivíduos virtuosos e filósofos-reis capazes de governar com sabedoria e justiça.

4. O empirismo e Aristóteles

Aristóteles foi um dos mais influentes filósofos da Grécia Antiga, nasceu em Estagira, na Macedônia, por volta de 384 a.C, e morreu em 322 a.C., em Eubeia, na Grécia. Ele estudou na Academia de Platão em Atenas por cerca de vinte anos, tornando-se um dos discípulos mais proeminentes de Platão. Após a morte de Platão, Aristóteles deixou a Academia e passou um tempo viajando antes de fundar sua própria escola filosófica, o Liceu, em Atenas.

Durante sua vida, Aristóteles fez contribuições significativas para uma variedade de áreas do conhecimento, incluindo filosofia, ética, política, biologia, física, metafísica, lógica e poesia. Ele escreveu extensivamente sobre uma ampla gama de tópicos e suas obras tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento da filosofia ocidental.

Aristóteles também teve uma influência duradoura na ciência e na cultura ocidental. Suas ideias e métodos de investigação científica foram altamente

respeitados e estudados ao longo dos séculos, e muitas de suas obras continuam sendo lidas e discutidas até hoje.

Em relação ao empirismo, Aristóteles pode ser definido como tendo uma abordagem filosófica que enfatiza a importância da experiência sensorial e da observação empírica na aquisição de conhecimento sobre o mundo. Enquanto Aristóteles é frequentemente associado ao racionalismo devido à sua ênfase na razão e no pensamento lógico, ele também reconheceu a importância da experiência sensorial como uma fonte legítima de conhecimento.

Em sua obra "Metafísica", Aristóteles discute a origem do conhecimento humano e argumenta que a mente humana é inicialmente uma "tabula rasa", ou seja, uma página em branco que é preenchida com conhecimento através da experiência sensorial. Ele defende que a mente começa com sensações simples e, com o tempo, desenvolve conceitos mais complexos por meio da abstração e da generalização.

Para deixarmos isso mais claro, vale comentar que a metáfora da "tábula rasa", utilizada por Aristóteles em contraposição a Platão e posteriormente difundida por Alexandre de Afrodísias, ilustra uma condição em que a consciência não possui conhecimento inato, assemelhando-se a uma folha em branco pronta para ser preenchida (Ferrater Mora, 1996). Essa concepção foi amplamente explorada ao longo da filosofia da Grécia Antiga; a epistemologia da escola estoica destaca que a mente começa sem conteúdo, sendo gradualmente preenchida à medida que interage com o mundo exterior.

Aristóteles reconhece que a observação empírica é essencial para a investigação científica. Ele evidencia a importância da observação cuidadosa e da coleta de dados precisos como base para a formulação de teorias e princípios científicos. Por exemplo, em sua obra "História dos Animais", Aristóteles descreve meticulosamente várias espécies animais com base em suas observações detalhadas.

Além disso, Aristóteles valoriza a experiência e a sabedoria prática *φρόνησις* (phronesis) como formas de conhecimento. Ele argumenta que a sabedoria prática é adquirida através da experiência e do aprendizado ao longo da vida, e é essencial para a tomada de decisões éticas e prudentes.

No entanto, é importante notar que Aristóteles não nega o papel da razão na busca pelo conhecimento. Ele reconhece que a razão desempenha um papel crucial na interpretação e na organização das informações sensoriais, e na formulação de princípios gerais a partir de observações específicas. Portanto, enquanto Aristóteles enfatiza a importância da experiência sensorial e da observação empírica, ele também reconhece o papel complementar da razão na aquisição e na interpretação do conhecimento sobre o mundo.

4.1 A educação para Aristóteles

Aristóteles tinha uma visão abrangente e sofisticada da educação, que refletia seus valores éticos e sua compreensão da natureza humana. Para Aristóteles, a educação não era apenas um processo de transmissão de informações, mas também um meio de cultivar virtudes e habilidades que permitiriam aos indivíduos alcançarem uma vida plena e feliz.

Em sua obra "Ética a Nicômaco", Aristóteles destaca a importância da educação moral na formação de virtudes. Ele argumenta que a educação deve visar não apenas ao desenvolvimento intelectual, mas também ao desenvolvimento do caráter moral. Isso envolve não somente instrução acadêmica, mas também a prática de hábitos virtuosos e a internalização de padrões éticos.

Aristóteles defende que a educação deve ser adaptada à natureza e às necessidades individuais de cada pessoa. Ele reconhece que diferentes indivíduos têm habilidades e interesses diferentes, e a educação deve ser personalizada para atender às suas necessidades específicas. Isso implica um enfoque holístico que considera não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o desenvolvimento físico, emocional e social.

Além disso, Aristóteles valoriza a educação como um meio de promover o bem comum da comunidade. Ele acredita que uma sociedade bem ordenada requer cidadãos virtuosos e educados, capazes de contribuir positivamente para o bem-estar coletivo. Portanto, a educação não é apenas um meio de realização individual, mas também um meio de promover a harmonia e a justiça na sociedade como um todo.

De modo sintético, para Aristóteles, a educação é um processo abrangente e contínuo de desenvolvimento moral, intelectual e social, que visa capacitar os indivíduos a conquistarem uma vida plena e contribuir positivamente para o bem-estar da comunidade.

Concluindo o estudo

Ao nos defrontarmos com as distintas concepções filosóficas sobre o conhecimento na Grécia Antiga, podemos observar uma riqueza de ideias que influenciaram profundamente o pensamento ocidental. Desde os primórdios da filosofia com os pré-socráticos até as elaboradas teorias de Platão e Aristóteles, percebemos um constante diálogo entre o racionalismo e o empirismo, entre a valorização da razão e da experiência sensorial na busca pelo entendimento do mundo. Esses debates não apenas moldaram a tradição filosófica, mas também ecoam nas reflexões contemporâneas sobre a natureza do conhecimento e seu papel na sociedade. Portanto, ao explorar as diversas perspectivas dos filósofos gregos clássicos, somos desafiados a refletir sobre nossas próprias concepções de conhecimento e a compreender melhor as bases do pensamento que moldou nossa cultura e compreensão do mundo.

Referências

FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POMBO, Olga. **A academia de Platão**. [201-?]. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/escola/academia/academia.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: antiguidade e idade média. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 1990. 3 v. (Coleção Filosofia).

Sugestões de leitura e pesquisa adicional

PAGNI, Pedro Angelo. **A Filosofia da Educação Platônica**: o desejo de sabedoria e a paideia justa. o Desejo de Sabedoria e a Paideia Justa. [201-?]. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/126/3/01d07t01.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-Socráticos a Wittgenstein. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

WU, Roberto. **Filosofia da educação**. Florianópolis: Filosofia/EAD/UFSC, 2011.